

# [informe)ieb

n. 26

ISSN: 2763-7727

[

)  
| [ )  
[

Instituto de  
Estudos  
Brasileiros



# [editorial)

É com imensa satisfação que apresentamos o número 26 do *Informe IEB*. Nesta edição, uma variedade de temas contribui para enriquecer ainda mais nossos informes. Os textos oferecem reflexões interessantes, evidenciando o compromisso do Instituto em fortalecer seu diálogo tanto com a comunidade acadêmica quanto com a sociedade em geral. As atividades que serão desenvolvidas neste ano refletem novos desafios, novas possibilidades.

Em janeiro, tivemos a retomada do projeto de residência artística, uma parceria do IEB com o Instituto Çarê. Em 2025 serão dois coletivos residentes, Memórias Carandiru e Capulanas Cia. de Arte Negra, selecionados a partir de edital de chamamento público elaborado pela equipe do Instituto Çarê no final de 2024. Hévila Nanda Carneiro e Letícia Cescon da Rosa elaboram um balanço do trabalho realizado ao longo de 2024 com o grupo da Sá Menina Plataforma de Artes, os desdobramentos desse primeiro ano de projeto, além de apresentarem os dois novos grupos de artistas e as perspectivas para

este ano. Os produtos e desdobramentos desse projeto mostram que a pesquisa em acervos permite produzir não apenas conteúdo acadêmico, mas amplia as possibilidades de diálogo com outros públicos, mais diversos e próximos da realidade social brasileira.

No final de fevereiro, o Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do IEB abriu o ano letivo com uma tarde de boas-vindas aos estudantes que ingressaram em 2025. Na ocasião, as/os novas/os mestrandas/os puderam conhecer os docentes e as linhas de pesquisa do Programa, assim como sua conexão com os acervos iconográficos, bibliográficos e documentais da instituição. Foram dadas orientações gerais sobre a dinâmica acadêmica, a infraestrutura do Instituto e as diversas responsabilidades a serem cumpridas pelas e pelos estudantes ao longo do curso. A programação de boas-vindas ainda incluiu aula inaugural ministrada pela professora doutora Ligia Fonseca Ferreira, programada para o dia 17 de março, juntamente com a abertura

da 1ª Mostra Científica Discente da Pós-Graduação do IEB, que foi concebida e organizada pelas pós-graduandas Denise Teixeira e Vivian Makia e pelo pós-graduando José Cirilo. O texto de Denise A. Teixeira, Inês Gouveia, Jaime Oliva e Marcos Antonio de Moraes relata com detalhes esses eventos.

Além da aula inaugural da pós-graduação, o mês de março no IEB foi marcado por uma série de acontecimentos. Na manhã do dia 12, aconteceu o evento "Mulheres e vida profissional no pré e pós-menopausa: precisamos conversar sobre isso" no Auditório István Jancsó do Espaço Brasileira. O evento – organizado por Denise de Almeida Silva, chefe técnica da Divisão de Apoio e Divulgação, e pela professora Inês Cordeiro Gouveia, presidente da Comissão de Pós-Graduação – contou com apoio da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (Prip/USP). Na programação, palestras de especialistas e depoimentos de mulheres, abrindo um espaço de diálogo sobre os desafios e as oportunidades que a menopausa traz para a vida pro-

## [informe)ieb

Publicação quadrimestral do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, o *Informe IEB* é um boletim de acesso aberto que divulga atividades realizadas pelo Instituto e notícias ou temas relacionados a ele. Trata-se de um canal de interação entre a direção e a sociedade. Editado desde 2016, além dos textos definidos pela direção, incentiva o envio de sugestões de pauta e de textos pelos funcionários, docentes e colaboradores. São três números anuais, divulgados em janeiro, maio e setembro.

MAIO/2025

### Universidade de São Paulo

Prof. dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior (reitor)  
Profa. dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda (vice-reitora)

### Instituto de Estudos Brasileiros

Profa. dra. Monica Duarte Dantas (diretora)  
Profa. dra. Luciana Suarez Galvão (vice-diretora)

### Editor responsável

Pedro B. de Meneses Bolle

### Editora-executiva

Maria Izilda Claro do Nascimento F. Leitão

### Produção

Cleusa Conte Machado  
(preparação e revisão de textos)



Uma publicação da Difusão Cultural



SCAN ME

### Normas para publicação

Os critérios e normas para publicação estão disponíveis em: [www.ieb.usp.br/informe](http://www.ieb.usp.br/informe)

Contato  
Instituto de Estudos Brasileiros – Informe IEB  
Espaço Brasileira  
Av. Prof. Luciano Gualberto, 78 - salas 49/50/53  
Cidade Universitária - 05508-010 - São Paulo – SP

Sugestões de pauta podem ser enviadas para:  
[informeieb@usp.br](mailto:informeieb@usp.br)



Visite nossas mídias em: [www.ieb.usp.br/midias](http://www.ieb.usp.br/midias)

fissional de mulheres. O evento contou com ampla divulgação, e atraiu público diverso, tanto de dentro como de fora da universidade. Esperamos que iniciativas como essas se tornem mais comuns, aproximando a Instituição e a própria Universidade de um público mais amplo.

Em 12 de março, tivemos também a inauguração da exposição *Last Folio*, com curadoria do professor Luiz Armando Bagolin, que contextualiza a exposição, que ficou aberta de 12 de março a 9 de abril na Sala BNDES da Edusp e no átrio da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM).

Ainda em março, tivemos a satisfação de receber a visita do reitor Carlos Gilberto Carlotti Júnior. A visita é apresentada por Denise de Almeida Silva, chefe técnica da Divisão de Apoio e Divulgação do IEB. Na ocasião, foi especialmente montada uma exibição com vários itens do acervo do Instituto, destacando-se os da coleção de Inezita Barroso e obras de Cândido Portinari. Acompanhado por Monica Dantas, diretora, e Luciana Galvão, vice-diretora do IEB, o reitor apreciou, no Laboratório de Conservação e Restauro, o acervo de Inezita Barroso, artista pela qual tem grande apreço. Com a colaboração de Mônica Bento, supervisora técnica do Laboratório, e Alice Gontijo, especialista em pesquisa e apoio de museu, foram expostas fotos, cartazes, discos e objetos como o violão branco da cantora, que contém assinaturas, como as de Juscelino Kubitschek e Luiz Gonzaga. O dirigente ainda teve contato com obras do artista Cândido Portinari, que integram o acervo de Mário de Andrade e fazem parte da Coleção de Artes Visuais do IEB. Na Bibliote-

ca, junto da bibliotecária Paola de Marco, o reitor teve acesso à obra mais antiga da USP, *Crônica de Nuremberg* (1493), de Hartmann Schedel, e ao atlas de anatomia humana de Andreas Vesalius, *De humani corporis fabrica* (1543). Em reunião na sala da direção com as professoras Monica Dantas e Luciana Suarez Galvão e com as servidoras técnicas Bianca Dettino e Vanessa Ribeiro, foi apresentado ao reitor o projeto de reforma da Sala Marta Rossetti Batista para receber obras do acervo do IEB em mostras permanentes. Após a leitura e avaliação do projeto, o reitor autorizou a cessão da verba necessária, com o compromisso de que, findada a reforma, o espaço será inaugurado com uma mostra de obras da Coleção de Artes Visuais que, já tendo sido exibidas no Brasil e no exterior, serão pela primeira vez apresentadas à comunidade uspiana e ao público geral nas dependências do próprio Instituto.

Fernando Paixão (IEB/USP) e Hélio de Seixas Guimarães (FFLCH/USP) relatam o lançamento e-book gratuito sobre a obra de Dalton Trevisan, autor curitibano ainda pouco estudado pela crítica acadêmica. O livro reuniu um conjunto de ensaios de autores diversos sobre a obra de Trevisan. Parte desses textos havia sido apresentada no Colóquio Dalton 90 – Homenagem aos 90 anos de Dalton Trevisan, que ocorreu na USP em 2015, promovido pelo IEB e pelo Departamento de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFLCH/USP). IEB e BBM se juntam no centenário do autor, e entre os dias 20 de maio e 10 de agosto a BBM sediará uma ampla exposição, reunindo manuscritos, livros, cartas e publicações pessoais de Dalton Trevisan. Esse material é desconhecido

até o momento, pois nunca foi exposto em público.

Em abril, o pesquisador residente Alan Wru-ck Garcia Rangel, do programa Jovem Pesquisador da Fapesp, ministrou a disciplina "Introdução histórica ao direito (Da América portuguesa até a Primeira República)" no formato de curso de difusão. A procura foi grande, e rapidamente as 70 vagas inicialmente disponibilizadas foram preenchidas, o que levou a organização a ampliar esse número. Ao todo, foram aprovadas 216 inscrições.

Ainda no mês de abril, tivemos o lançamento de mais um número da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, a *RIEB*. O texto de Flores Giorgini e Paulo Teixeira Lumatti contextualiza a publicação, um dossiê feito a partir das discussões travadas durante um colóquio organizado em Paris, em novembro de 2022, por ocasião do bicentenário da independência brasileira, com o apoio do Centre de Recherche et de Documentation des Amériques (Creda) e do Centre de Recherches sur les Pays Lusophones (Crepal), ambos da universidade Sorbonne Nouvelle, e com a colaboração da Freie Universität Berlin e da USP. O evento reuniu vários pesquisadores ligados a instituições situadas na Alemanha, no Brasil, nos Estados Unidos, na França, na Índia, no Reino Unido e na Suíça.

Esperamos que a leitura deste novo número do *Informe IEB* seja muito agradável!

**Luciana Suarez Galvão**  
Vice-diretora – IEB/USP  
<https://orcid.org/0000-0003-1369-688X>

# [parceria)

## Programa de Residência Artística do Instituto Çarê e do IEB: florescimentos, colheitas e novos plantios

Em 2024, representantes da primeira Residência Artística do Instituto Çarê e do IEB/USP, desenvolvida junto à Sá Menina Plataforma de Artes, participaram do 30º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD) com o trabalho “Residências artísticas em acervos documentais: diálogos entre a arte e a ciência da informação”, que pode ser consultado nos *Anais* do evento. Vale apontar que o trabalho foi laureado com o primeiro lugar em seu eixo de participação no Congresso – como noticiado no *Informe IEB 25* – e, em decorrência disso, uma versão expandida

será publicada na *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, mantida pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (Febab).

Em decorrência disso, o Consórcio Cruesp/Bibliotecas convidou os autores a integrar o 5º Seminário de Compartilhamento de Experiências das Bibliotecas da USP, Unicamp e Unesp, realizado em 10 de março de 2025. Durante o evento, Dina Uliana (supervisora técnica do Arquivo do IEB) e Renato Gama (cofundador da Sá Menina) falaram sobre o projeto de residência artística, momento em que o artista deu um sensível depoimento sobre o fazer artístico a partir dos documentos do Arquivo.

A integração e sinergia estabelecida entre as equipes do IEB, do Instituto Çarê e da Sá Menina Plataforma de Artes se mostrou fundamental para o êxito dessa primeira experiência, que, concluída em dezembro de 2024, segue rendendo frutos, culminando na estreia do espetáculo cênico-musical *O diário de André Rebouças*, escrito por Renato Gama, no

dia 8 de maio no Itaú Cultural. E, mais do que frutos, essa feliz e esperançosa experiência permitiu que novas sementes pudessem ser colhidas, espalhadas e plantadas, evidenciando que, mais do que um plantio isolado, a residência artística tem potencial e capacidade de se tornar um colorido jardim e, quiçá, uma frondosa floresta. Graças a isso, em janeiro de 2025, deu-se início a um novo ciclo do programa que conta, este ano, com a participação de dois coletivos residentes Memórias Carandiru e Capulanas Cia. de Arte Negra –, selecionados a partir de edital de chamamento público elaborado pela equipe do Instituto Çarê no final de 2024.

Integrados respectivamente por Helen Baum, Maurício Monteiro, Nádia Lima e Walter Luiz dos Santos; e por Adriana Paixão, Débora Marçal, Flávia Rosa e Olaegbé Jéssica Nascimento, ambos os grupos têm se reunido, juntos e semanalmente, nos espaços do Arquivo do IEB e do Instituto Çarê para a realização de suas pesquisas e de suas criações artísticas, culturais e educacionais. Nesse processo, o olhar dos integrantes do



Olaegbé Jéssica Nascimento, Adriana Paixão, Débora Marçal e Flávia Rosa (integrantes da Capulanas Cia. de Arte Negra). Foto: Hévila Carneiro

Memórias Carandiru tem se direcionado à observação e reflexão acerca de questões como a preservação da memória de pessoas egressas do sistema prisional, o apagamento do Massacre da Casa de Detenção de São Paulo de 1992, o papel dos acervos vivos na luta pelos direitos humanos e a justiça social. Já as artistas da Capulanas Cia. de Arte Negra têm se atentado ao estudo das dinâmicas de amor, afeto e resistência em contextos do cotidiano negro, buscando evidenciar histórias que foram silenciadas, mas também criar novos espaços de fabulação e imaginação, de modo a dar continuidade a essas narrativas.

A partir desses temas de interesse, as e os residentes têm trilhado seus caminhos por entre os documentos, lançando sobre eles, e também sobre as estruturas que os salvaguardam, olhares a um só tempo questionadores e iluminadores. Questionadores porque, durante o processo de pesquisa, o defrontamento com silêncios múltiplos – dentro dos acervos, mas também fora – tem suscitado reflexões críticas acerca da constituição desses espaços e, conseqüentemente, sobre a esfera de poder inerente a eles. E iluminadores pelo fato de que os grupos têm evidenciado memórias muitas vezes colocadas, injustamente, à margem da história. É o caso, por exemplo, da escritora Ruth Guimarães, cuja história tem sido alumiada pelas integrantes da Capulanas a partir da consulta às cartas da escritora presentes



Equipes do Instituto Çarê, do IEB-USP e dos coletivos residentes. Foto: Leticia Rosa (2025)

no Fundo Mário de Andrade do Arquivo do IEB.

O fazer artístico a partir do contato e pesquisa em arquivos, no contexto das instituições envolvidas no programa, é uma abordagem bastante nova e, por esse motivo, carrega consigo uma singularidade demasiadamente admirável somada a uma incomparável criticidade. Por isso, o diálogo e o entendimento das demandas coletivas e individuais dos participantes são fundamentais para o desenvolvimento dos encontros semanais, visto que compreender o modo contempo-

râneo do fazer artístico é reconhecer que a arte parte da experiência, que, por sua vez, assume as noções de participação, de troca e vida, estabelecendo um relacionamento amplo entre os integrantes e as instituições como instrumento metodológico de promoção à diversidade.

Portanto, a articulação de diferentes suportes didáticos, como os encontros e formações com professores, as recomendações de leitura e o acompanhamento em visitas externas, caracteriza o caráter multimetodológico delineado no programa de residência, que tratou os documentos consultados, artigos científicos, catálogos e outras formas textuais e não textuais de conhecimento como suas fontes para o desdobramento e aprofundamento artístico.

Hoje, em 2025, tomamos como fio condutor do programa a ação do verbo residir, pois fazemos morada nessa experiência. Cultivamos uma semente originária no campo da produção em arte, explorando a ampla potencialidade que o Arquivo do IEB e o Instituto Çarê, com a natureza de centros culturais e de memórias, carregam para o desenvolvimento dinâmico da arte, da cultura e da educação.

**Hévilá Nanda Carneiro**  
Bolsista PUB/USP

<https://orcid.org/0009-0004-5424-2264>

**Leticia Cescon da Rosa**

Instituto Çarê

<https://orcid.org/0009-0000-8159-2463>



Walter Luiz dos Santos, Maurício Monteiro, Nádia Lima e Helen Baum (integrantes do Educadores Memórias Carandiru). Foto: Hévilá Carneiro

# [identidade)



Abertura da exposição “Brasil, 2020-2024: A negritude e as barreiras sociais na pesquisa acadêmica reorganizada pela pandemia da covid-19”. Foto: Inês Gouveia

## PPG em Culturas e Identidades Brasileiras do IEB abre o ano com eventos de formação, integração e divulgação

O primeiro trimestre letivo de 2025 foi marcado por uma série de atividades no âmbito da Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do IEB: evento de recepção de ingressantes, aula magna e uma exposição organizada por discentes.

Em 25 de fevereiro, ocorreu a tarde de boas-vindas aos estudantes que ingressaram em 2025 para apresentarmos o IEB e o PPG em Culturas e Identidades Brasileiras. Na ocasião, as e os novos mestrandos puderam conhecer docentes e as linhas de pesquisa do Programa, em sua conexão com os acervos iconográficos,

bibliográficos e documentais da instituição. Tratamos também da dinâmica acadêmica, seus fluxos e infraestrutura, como, por exemplo, a “sala pró-aluno”, ambiente ideal para estudos e trocas intelectuais. A visita se estendeu ao setor de Arquivo do IEB, onde a equipe deu a conhecer o trabalho de salvaguarda documental da instituição, explicitando o tratamento dado aos fundos pessoais, que são patrimônio cultural do país e também fontes para as pesquisas nos estudos brasileiros.

Em 17 de março, a professora doutora Ligia Fonseca Ferreira, da área de francês da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), proferiu a aula magna “Outras visões da escravidão: as cartas abertas de Luiz Gama na *Gazeta da Tarde* (1880-1881)”. A pesquisadora, pioneira no campo universitário nos estudos da vida e da obra do abolicionista baiano, recebeu do governo francês, em 2018, a condecoração Chevalier des Palmes Académiques. Entre suas incontornáveis publicações, ao lado de importantes traduções, contam-se *Primeiras trovas burlescas de Luiz Gama* (1830-1882) e outros poemas (Martins Fontes, 2000), *Com a palavra Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máxi-*

*mas* (Imesp, 2011) e *Lições de resistência: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro* (Sesc, 2020). Com a mediação do professor Marcos Antonio de Moraes (IEB/USP), Ligia Fonseca Ferreira destacou a vigorosa atuação do intelectual negro, autodidata, documentada em jornais no fim do século XIX. Em interlocução com o público – que preencheu o auditório do IEB – a professora defendeu que a repercussão da vida e da produção de Luiz Gama (que atrai atenção, contemporaneamente, enquanto ícone da luta antirracista) deve ser acompanhada pelo rigor da pesquisa, pela consistente compreensão de seu pensamento, de sua atuação jurídica, de seus escritos e de seu legado.

A aula prosseguiu na visita que fizemos à Biblioteca do IEB, ampliando o entendimento de sua missão institucional de salvaguarda de acervos. Lá, entre outros livros raros — valorizados por seu contexto de produção, circulação e singularidades —, a professora Ligia discorreu sobre a primeira edição de *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (1859), de Luiz Gama, no acervo do IEB. Na ocasião, reencontrou o volume da edição que preparou dessa obra, oferecido, com uma bonita dedicatória, ao geó-



Aula magna no  
Auditório do IEB.  
Foto: Inês Gouveia



Performance artística  
de Canto e cena de  
Carolina Maria de  
Jesus, de Luzia Rosa.  
Foto: Inês Gouveia

grafo Milton Santos, cujo acervo bibliográfico também está preservado no Instituto.

Ainda em 17 de março foi inaugurada a exposição “Brasil, 2020-2024: A negritude e as barreiras sociais na pesquisa acadêmica reorganizada pela pandemia da covid-19” – 1ª Mostra Científica Discente da Pós-Graduação do IEB. Concebida e organizada pelas pós-graduandas Denise Teixeira e Vivian Makia e pelo pós-graduando José Cirilo, a mostra articulou os eixos temáticos de racialidade e pandemia por meio de pesquisas desenvolvidas no Programa entre 2020 e 2024, apresentando produções artísticas criadas por inteligência artificial e impressas em tecido, que buscaram representar as problemáticas investigadas nos trabalhos acadêmicos, criando um

diálogo entre linguagem científica e expressão artística.

O projeto englobou variadas atividades: duas visitas guiadas; IEBinário; roda de conversa com mestres e doutores e a homenagem especial à escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977) – que celebraria aniversário no mês de março –, materializada na performance artística de *Canto e cena de Carolina Maria de Jesus*, de Luzia Rosa. O encerramento da exposição aconteceu em 9 de maio de 2025, propiciando celebrações e reflexões críticas, bem como a expectativa de outros desdobramentos, sobre os quais poderemos contar nas próximas edições do *Informe IEB*.

A Comissão de Pós-Graduação agradece a

todas e todos que contribuíram para a realização dos eventos, registrando nosso agradecimento especial às equipes do Acadêmico, do Arquivo, da Biblioteca e da Divisão de Apoio e Divulgação e, principalmente, aos estudantes que realizaram e participaram da Mostra Científica Discente.

**Denise A. Teixeira**

Pós-graduanda – IEB/USP

<https://orcid.org/0009-0008-0380-9776>

**Inês Gouveia**

Professora – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0003-4783-9033>

**Jaime Oliva**

Professor – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0002-5540-629X>

**Marcos Antonio de Moraes**

Professor – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0001-7127-9254>

# [desafios)



Roda de conversa “Eu no clima e minha profissão”, com Maria de Lourdes Areias (professora/Cepeusp), Clair Cruz (funcionária/IEB) e Denise Azevêdo (pós-graduanda/IEB). Foto: Luciana Suarez Galvão

## Mulheres e vida profissional no pré e pós-menopausa: precisamos conversar sobre isso

Na manhã do dia 12 de março, aconteceu o evento “Mulheres e vida profissional no pré e pós-menopausa: precisamos conversar sobre isso” no Auditório István Jancsó do Espaço Brasiliana.

O evento foi organizado por Denise de Almeida Silva, chefe técnica da Divisão de Apoio e Divulgação, e pela profes-

sa Inês Cordeiro Gouveia, presidente da Comissão de Pós-Graduação, e contou com apoio da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP/USP). Na programação, palestras de especialistas e depoimentos de mulheres, abrindo um espaço de diálogo sobre os desafios e as oportunidades que a menopausa traz para a vida profissional de mulheres. A

partir das palestras, as participantes foram incentivadas a compartilhar experiências, discutir estratégias e pensar em soluções para apoiar as mulheres durante essa fase de transição.

A menopausa é uma fase natural na vida das pessoas com útero, geralmente ocorrendo entre 45 e 55 anos, marcada por

mudanças hormonais significativas. Essas mudanças podem acarretar diversos sintomas, como ondas de calor, suores noturnos, insônia, alterações de humor e dificuldades cognitivas. No contexto profissional, esses sintomas podem impactar a produtividade, o bem-estar e a qualidade de vida das mulheres.

A primeira fala foi a da professora Isabel Sorpreso, coordenadora do projeto Educação em Saúde para Mulheres na Transição para a Menopausa e Pós Menopausa (Faculdade de Medicina – FM/USP), que compartilhou informações importantes sobre como as mudanças hormonais podem afetar o corpo e a mente das pessoas com útero, destacando a importância da educação em saúde para ajudar as mulheres a entenderem e administrarem melhor essa fase da vida. Ela enfatizou que, embora a menopausa seja uma transição natural, muitas vezes é acompanhada por desafios que podem ser mitigados com informação adequada e apoio profissional.

Em seguida, ocorreu a roda de conversa “Eu no clima e minha profissão”, com Maria de Lourdes Areias, professora do Centro de Práticas Esportivas da USP (Cepesp), Clair Cruz, funcionária do IEB, e Denise Azevêdo, pós-graduanda do IEB, mulheres que compartilharam um pouco de sua vida acadêmica e profissional nes-



Palestra da professora Isabel Sorpreso, coordenadora do projeto Educação em Saúde para Mulheres na Transição para a Menopausa e Pós Menopausa (FM/USP). Foto: Luciana Suarez Galvão



Palestra “Certidão de renascimento”, com Cris Páz. Foto: Denise de Almeida Silva

se período de transição, destacando a importância do acolhimento e do apoio institucional para que os desafios dessa fase sejam enfrentados de maneira mais leve.

Encerrando o evento, a palestra de Cris Páz, “Certidão de renascimento”. A escritora e comunicadora compartilhou um pouco de sua jornada pessoal e profissional, destacando a importância de reconhecer e celebrar essa nova fase da vida como um momento para redefinir objetivos e descobrir novas oportunidades.

Iniciativas como essa são muito importantes para que os ambientes se tornem mais acolhedores e inclusivos. Afinal, todas as mulheres cis e pessoas com útero passarão por essa transição. Ao fomentar o diálogo aberto e oferecer suporte adequado, criamos uma sociedade mais empática e preparada para acolher cada pessoa em todas as fases de sua vida.

**Luciana Suarez Galvão**

Vice-diretora – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0003-1369-688X>

# [história)

## Quando os livros são deixados para trás

No livro *Fahrenheit 451* (New York: Ballantine Books, 1953), de Ray Bradbury, publicado há exatos 72 anos, a função primordial dos bombeiros é oposta à dos agentes da vida real: na ficção, eles fazem parte do braço armado de um governo autoritário, extremista e fascista, que ordena a perseguição e a queima de livros, assim como das casas daqueles que os possuíam clandestinamente. *Fahrenheit 451* é a temperatura na qual o papel entra em combustão, equivalente a 233 graus Celsius. Os livros eram considerados perigosos porque podiam disseminar a ideia de que era possível ter pensamentos próprios, mesmo vivendo em sociedade, e, sobretudo, porque eram os principais veículos – num mundo sem internet – para

o desenvolvimento do pensamento crítico e, portanto, da divergência em relação ao *status quo* da maioria ou dos econômica e militarmente mais fortes. Em resumo, os livros são considerados perigosos por ditadores. Heinrich Heine disse, em *Almansor: Eine Tragödie* (Berlin: Blätter für Herz und Geist, 1821): “Lá onde se queimam livros, no fim queimam-se também seres humanos”. Mas pode-se também, a fim de poupar combustível, simplesmente deixá-los para trás, abandoná-los ao inexorável processo de deterioração pelo tempo. Se não houvesse mais ninguém para lê-los, para que serviriam?

A história que Yuri Dojc buscou reconstruir em *Last Folio* (série de fotografias iniciada em 1997), junto à cineasta e documentarista Katya Krausova, guarda semelhanças com o romance de Bradbury, embora não seja ficção. Ela trata do desaparecimento das pessoas que foram levadas como prisioneiras na anti-

ga Tchecoslováquia, deixando para trás suas vidas, suas casas, suas bibliotecas e seus livros. Em 1939, com a fundação, sob pressão do Reich alemão, da primeira República Eslovaca – um estado autoritário que teve grande participação na Shoah –, metade da população da pequena Bardejov (todos judeus) foi retirada e enviada em vagões de trem para campos de concentração. Suas casas e sinagogas foram saqueadas, mas os livros foram deixados para trás, assim como a lista com os nomes de seus proprietários. Yuri e Katya propuseram-se a registrar o estado de ruína em que os encontraram, os locais onde estavam guardados e a procurar aqueles poucos que sobreviveram.

O ponto de partida foi a Escola Comunitária de Bardejov (atual Eslováquia), onde encontraram a lista de nomes. No filme documental – parceria entre os dois artistas –, há o depoimento das poucas pes-



Ainda que destroçados, os livros deixados para trás testemunham o holocausto, simbolizando, ao mesmo tempo, a resistência da humanidade em manter o registro da história. Foto: Cecília Bastos/USP Imagens



Com curadoria de Luiz Armando Bagolin e dos artistas, a mostra esteve em exposição pela primeira vez no Brasil na Sala BNDES da Edusp e no átrio da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) de 12 de março a 9 de abril. Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

soas que conseguiram retornar. Yuri e sua família tiveram de emigrar para o Canadá em 1968 (Katya foi para Londres), quando as tropas russas invadiram a Tchecoslováquia. Muitos anos depois, já um fotógrafo respeitado no campo da fotografia autoral e comercial, ele lembrou o início de sua jornada em *Last Folio* a partir do regresso à sua terra natal: "Por acaso, fomos enviados a uma escola judaica abandonada no leste da Eslováquia, onde o tempo parou desde o dia de 1942, quando todos os presentes foram deportados para os campos de concentração. Os livros escolares ainda lá estão, cadernos de exercícios com correções, relatórios escolares, até açúcar, ainda no armário da cozinha... tudo em decomposição".

As fotografias de Yuri focam os detalhes das lombadas e das capas desgastadas de livros, cadernos e torás. Não se pode mais ver o que trazem escrito, apenas suas carcaças carcomidas pelo tempo. Com o controle da distância focal e um tratamento suave das cores, os papéis ganham contornos de corpos contorcidos pelo sofrimento contínuo da exposi-

ção à corrosão do tempo. Em alguns momentos, o volume se amplifica diante da lente da câmera, e o emaranhado de páginas quase se converte em uma face que grita ou suspira. A tensão gerada pela posição dos livros nas imagens os torna monumentais. Assim, Yuri destaca a memória não apenas como documento, mas como monumento, algo que se ergue, mesmo em ruínas, contra toda a dissolução.

Em outras ocasiões, o fotógrafo se propõe a mostrar o estado de deterioração do ambiente onde os livros foram encontrados. Armários e prateleiras empoeirados, salas tomadas por escombros e sujeira: as cenas têm seus contrastes acentuados para amplificar o sentimento de abandono e solidão. Trata-se de uma paisagem de desolação, mas, simultaneamente, de resistência – ou da teimosia da humanidade em apagar aquilo que ela própria construiu. Os livros sagrados sobreviventes tornam-se simulacros de seus antigos donos. Com o passar do tempo, foram sendo enterrados no cemitério judaico da cidade como forma de honrar a memória de seus proprietários.

Hoje, esses livros só existem como imagens nas fotografias de Yuri, preservados no filme e nos registros de *Last Folio*.

No romance de Bradbury, Guy Montag é um bombeiro que queima livros, mas que gradualmente desperta de seu torpor e ignorância. Ele fica profundamente impressionado ao ver uma senhora recusar-se a deixar sua casa e seus livros enquanto tudo vira cinzas. A mulher morre junto à sua biblioteca, pois não consegue imaginar-se sem as obras literárias que davam sentido à sua vida. Seu sacrifício acende uma centelha na consciência de Montag.

É essa mesma centelha que Yuri Dojc deseja acender em nós com suas impressionantes fotografias de *Last Folio*: mais do que rememorar o passado, elas talvez nos ajudem a ter compaixão pelo presente e a nos preparar para um mundo de maior tolerância no futuro.

**Luiz Armando Bagolin**

Professor – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0001-6513-2846>

Na temporada brasileira, a exposição lembra os 80 anos do fim da Segunda Guerra Mundial. Foto: Cecília Bastos/USP Imagens



# [acervo)

## Visita do reitor ao IEB

No dia 21 de março o IEB recebeu a visita do reitor Carlos Gilberto Carloti Júnior, ocasião em que foi especialmente montada uma exibição com vários itens do acervo do Instituto, destacando-se os da coleção de Inezita Barroso e obras de Cândido Portinari.

Acompanhado por Monica Dantas, diretora, e Luciana Galvão, vice-diretora do IEB, o reitor apreciou, no Laboratório de Conservação e Restauro, o acervo de Inezita Barroso, artista pela qual



O reitor da USP e a diretora do IEB diante de itens do acervo de Inezita Barroso. Foto: Bianca Dettino



O reitor da USP e a diretora do IEB acompanham as informações de Bianca Dettino sobre a obra de Cândido Portinari. Foto: Luciana Suarez Galvão

tem grande apreço. Com a colaboração de Mônica Bento, supervisora técnica do Laboratório, e Alice Gontijo, especialista em pesquisa e apoio de museu, pôde observar fotos, cartazes, discos e objetos como o violão branco modelo Del Vecchio da cantora, que contém assinaturas, como as de Juscelino Kubitschek, Luiz Gonzaga, Durval Rosa, e os prêmios que consagraram Inezita como cantora e atriz.

O dirigente da Universidade ainda teve contato com obras do artista Cândido Portinari, que integram o acervo de Mário de Andrade e fazem parte da Coleção de Artes Visuais do IEB. As gravuras *Duas figuras com criança* e *Espantalho*, a pintura *Retirantes*, os desenhos em nanquim como autorretrato do pintor foram objetos de comentários e reflexões na companhia de Bianca Dettino, supervisora técnica da Coleção de Artes Visuais, e de Vanessa Ribeiro, especialista em pesquisa e apoio de museu.

Na Biblioteca do IEB, junto da bibliotecária Paola de Marco, o reitor teve acesso à obra mais antiga da USP – *Crônica de Nuremberg* (1493), de Hartmann Schedel, recentemente restaurada e

pertencente à coleção do colecionador e historiador Alberto Lamego – e ao atlas de anatomia humana de Andreas Vesalius *De humani corporis fabrica* (1543), aquisição recente já tratada no *Informe IEB 24*.

Em reunião na sala da direção com as professoras Monica Dantas e Luciana Suarez Galvão e também com as servidoras técnicas especializadas Bianca Dettino e Vanessa Ribeiro, foi apresentado ao reitor o projeto de reforma da Sala Marta Rossetti Batista para receber obras do acervo do IEB em mostras permanentes, incluindo alterações na iluminação, no piso e na climatização, adequando o espaço para a preservação dos materiais expostos. Após a leitura e avaliação do projeto, o reitor autorizou a cessão da verba necessária, com o compromisso de que, findada a reforma, a sala será inaugurada com uma mostra da Coleção de Artes Visuais composta de obras que, já tendo sido exibidas no Brasil e no exterior, serão pela primeira vez apresentadas à comunidade uspiã e ao público geral nas dependências do próprio Instituto. Obras bidimensionais e tridimensionais, como as de Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Cândido Portina-



Pinturas e documentos salvaguardados no Instituto fizeram parte da exposição. Mônica Bento, Carlotti Junior (reitor), professoras Monica Dantas e Luciana Suarez Galvão (diretora e vice-diretora do IEB). Foto: Bianca Dettino

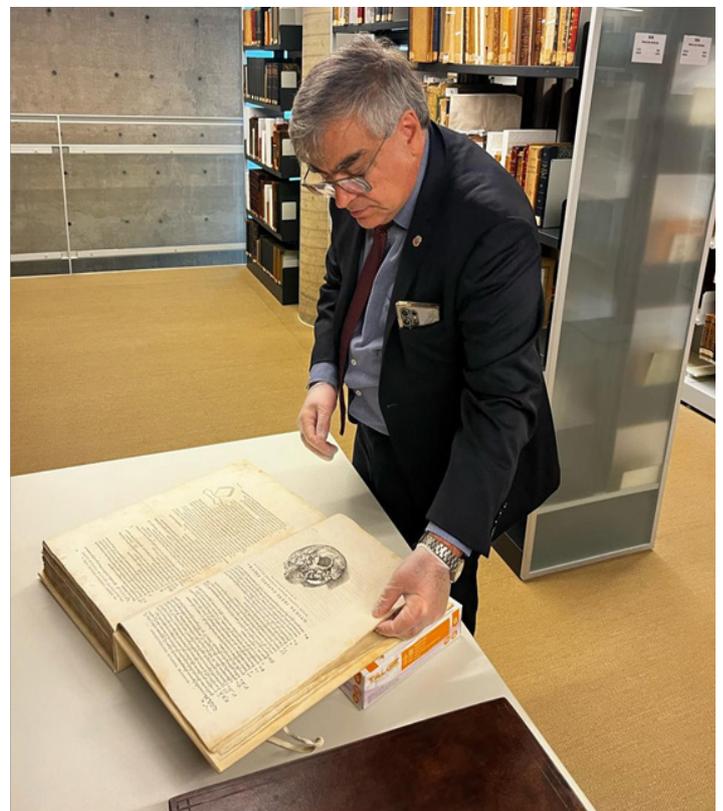
ri, Di Cavalcanti, Lasar Segal, Jonh Graz, Victor Brecheret, Flávio Império, entre outros artistas e criações, farão parte dessa exposição.

**Denise de Almeida Silva**

Chefe técnica da Divisão de Apoio e Divulgação – IEB/USP  
<https://orcid.org/0000-0003-2196-8152>



Apreciador de Inezita Barroso, o reitor da USP observa o violão – assinado por amigos dela – e outros itens da artista. Foto: Luciana Suarez Galvão



Na Biblioteca do IEB o reitor teve contato com obras importantes para a cultura e a ciência modernas, como o atlas de anatomia humana *De humani corporis fabrica* (1543), de Andreas Vesalius. Foto: Luciana Suarez Galvão

# [direito)



A Proclamação da República, por Benedito Calixto 1893

## Curso de difusão na área da história do direito brasileiro tem grande procura

A disciplina “Introdução histórica ao direito (Da América portuguesa até a Primeira República)” foi oferecida como curso de extensão na modalidade difusão com o objetivo de inserir os alunos e os profissionais interessados nos principais temas e problemas da História do Direito Brasileiro. Tendo sido idealizado pela professora Monica Dantas, coube ao professor Alan Wruck Rangel a organização do plano de aulas escolha dos temas, bem como o convite aos professores Gustavo Cabral e Gustavo Siqueira

para ministrarem, respectivamente, as aulas sobre América portuguesa e Primeira República.

O edital de lançamento do curso ofertou, inicialmente, 70 vagas, quantidade posteriormente ampliada devido à grande procura, o que foi uma grande surpresa a todos. Foram, assim, aprovadas 216 inscrições, incluídas as 17 vagas isentas da taxa de matrícula. Esse alto número de matriculados revelou, por um lado, o enorme interesse pela disciplina História do Direito Brasileiro e, por outro, uma carência na oferta de cursos na área. O evento atraiu grande público: não apenas professores da rede pública de ensino primário, secundário e universitário, mas também advogados e outros operadores do direito, bem como estudantes de graduação e pós-graduação em direito, história, filosofia e áreas afins.

As aulas ocorreram durante todo o

mês de abril de 2025, sempre às terças e quintas-feiras, com duração de duas horas. O plano do curso foi dividido em oito encontros sobre temas clássicos da História do Direito Brasileiro: a relação entre direito comum e direito colonial, Antigo Regime nos trópicos, independência e constitucionalismo, ensino jurídico na tradição luso-brasileira, codificação e circulação de modelos jurídicos, escravidão e abolição, instituições republicanas e codificação, e intervencionismo estatal segregador – higienismo e eugenia. Com aulas expositivas, mediante apresentação de *power point* – o que facilitou o acompanhamento por parte dos alunos –, os encontros ocorreram em ambiente virtual pelo zoom. No primeiro dia de aula foi compartilhado entre os alunos o plano do curso com uma bibliografia de referência.

Todas as aulas tentaram abordar a His-

tória do Direito Brasileiro por uma perspectiva global, o que levou, necessariamente, a fazer apontamentos em abordagem comparatista, sem, entretanto, menosprezar as singularidades do direito e das instituições locais. Duas aulas foram consagradas ao período da América Portuguesa, notadamente ao debate sobre a existência ou não de um direito colonial. Foram problematizados não apenas a ideia e/ou o sentimento de pertencimento à colônia, mas também a noção de pluralismo jurídico e aquela de multi normatividade. Precisou-se, também, situar historicamente o conceito de direito comum (*ius commune*) e revisar a abordagem tradicional sobre a centralização política do Império português. Abordou-se, ainda, o surgimento do direito comum e sua consolidação no século XIV, calcado prioritariamente – mas não apenas – nas formulações dos direitos romano e canônico, bem como sua grande abertura e flexibilidade para se adaptar ao direito local praticado na colônia. Nessas aulas também se tentou demonstrar a fragilidade da centralização política e jurídica do governo português, e apontar as principais instituições criadas, à imagem daquelas existentes no reino, que forçosamente tiveram de se adaptar às contingências locais da colônia.

As etapas do processo de independência, sua relação com fatos históricos ocorridos em Portugal, e as circunstâncias particulares do constitucionalismo brasileiro, sobretudo os temas sensíveis enfrentados na Constituinte de 1823, fo-

ram objeto da terceira aula. A quarta, a quinta e a sexta aula sobre ensino jurídico, codificação e escravidão no Império tentaram enfatizar os principais modelos estrangeiros recepcionados pela elite imperial para construir e modular as instituições brasileiras, e também a participação dos escravizados enquanto sujeitos históricos no processo de abolição.

As duas últimas aulas, consagradas à Primeira República, abordaram a história da codificação e a história do pensamento jurídico, com ênfase no higienismo e na eugenia, como motor intelectual de idealização e construção das instituições republicanas, concretizadas por um intervencionismo estatal de caráter segregador.

Ao final de cada exposição oral se reservaram em média entre vinte e trinta

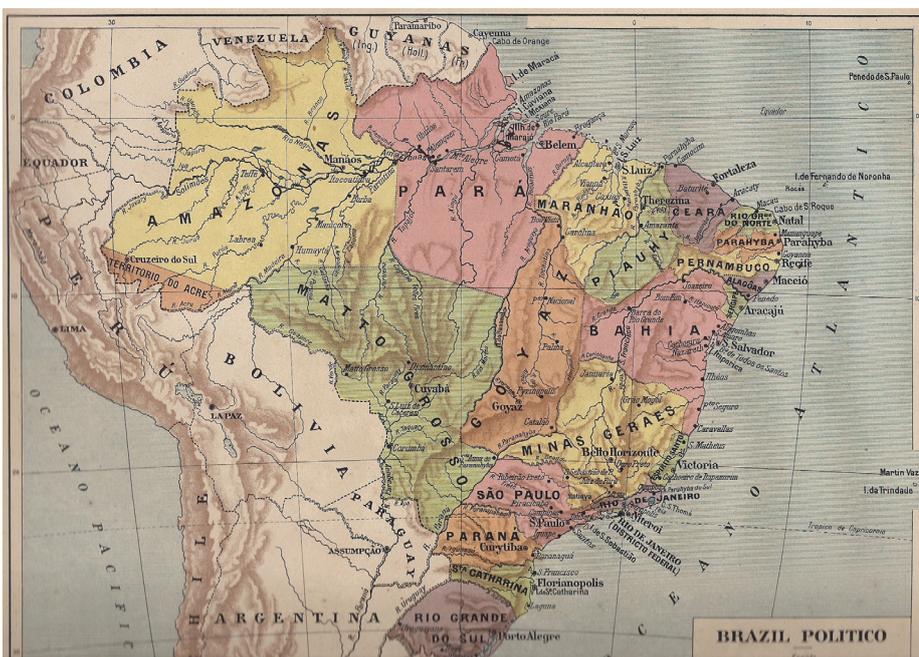


minutos para tirar dúvidas e responder às perguntas dos alunos. Em cada aula também foram sugeridos novos textos – para leitura complementar sobre o ponto dado – e indicadas fontes histórico-jurídicas. Embora imersa em ambiente digital, a interação entre alunos e professores funcionou muito bem. Todas as aulas foram ministradas pelo professor Alan Wruck Rangel, com exceção daquela sobre independência e constitucionalismo e sobre codificação e instituições republicanas, que foram asseguradas, respectivamente, pelos professores Monica Dantas e Gustavo Siqueira. O empenho e o interesse dos alunos, em uma sala virtual numerosa, bem como as mensagens de carinho e agradecimentos para os professores, demarcam a experiência positiva do curso de extensão.

**Alan Wruck Garcia Rangel**

Pesquisador – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0001-9587-9895>



O mapa do Brasil no ano do centenário de sua Independência, em 1922

# [literatura)

## Instituto lança e-book gratuito sobre a obra do autor curitibano

Autor de centenas de histórias e dezenas de livros, criador de um universo ficcional e de um estilo absolutamente singulares, presente na cena literária brasileira desde a década de 1940, ganhador de todos os principais prêmios literários do país – apesar dessas qualidades todas, Dalton Trevisan ainda é pouco estudado pela crítica acadêmica. Os poucos trabalhos de fôlego sobre o autor de *O vampiro de Curitiba* (Curitiba: Record, 1965), contáveis com os dedos da mão, são exceções que confirmam a regra.

Como entender o descompasso entre a exuberância da obra e o modesto número de trabalhos críticos suscitados por ela em sete décadas de existência e infinitas provocações? Estimulada por essa pergunta, surgiu a iniciativa de publicar *Dalton Trevisan: uma literatura nada exemplar*, e-book voltado para discutir as estratégias simbólicas e textuais do autor.

Afinal, trata-se de um escritor singulárrimo, dono de uma dicção absolutamente única, que nunca arredou um milímetro de suas convicções literárias. Tanto na vida como na obra, sempre foi avesso a modas, modelos e grupos, decorrendo disso uma imensa dificuldade de classificá-lo ou mesmo de estudá-lo.

Além disso, Dalton é um escritor que nos expõe à crueza da vida e do mundo, evocada por uma escrita contundente e de alto rigor, sem qualquer facilitação ou traço moralizante. Nós, leitores, percorremos suas histórias tentando nos equilibrar no meio-fio entre a graça e a desgraça, sabendo que para todos os lados há muito abismo e nenhuma salvação.



*Dalton Trevisan: uma literatura nada exemplar* resgata uma pluralidade de leituras e interpretações da obra do autor

Ainda assim, apesar do dente faltante, do penteado torto, das pelancas caídas, das contas não pagas, as personagens de Dalton Trevisan estão sempre dispostas a extrair alguma finta de prazer no que poderia ser apenas um imenso vale de lágrimas.

O que poderia resultar num travo de autocomiseração e amargor aparece ali sem nenhum assombro – ou melhor, com uma naturalidade assombrosa, às vezes cômica –, o que nos dá a exata dimen-

são de como os humanos somos tipos ao mesmo tempo gigantescos e minúsculos, capazes de tirar sangue de pedra quando se trata de obter algum refresco para as misérias que nos cercam.

Mas esse é apenas um caminho possível para a leitura de uma fração dos seus escritos, que se multiplicam e se articulam formando uma espécie de labirinto ficcional, que desafia e desorienta. Como toda grande obra literária, a de Dalton provoca e acolhe leituras e interpreta-

ções as mais diversas, algumas já feitas, mas muitas ainda por fazer.

O livro reúne uma pluralidade de leituras e interpretações que, salvo engano, constitui a primeira reunião de ensaios de autores diversos sobre a obra de Dalton Trevisan. Boa parte dos textos apresentados foi escrita especialmente para o Colóquio Dalton 90 – Homenagem aos 90 anos de Dalton Trevisan, que ocorreu na Universidade de São Paulo em 2015, promovido pelo IEB e pelo Departamento de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFLCH/USP).

Em conjunto, os dez textos reunidos mostram como as aparentes repetições e obsessões do autor correspondem a um estilo intenso e direto, capaz de registrar com originalidade certos modos de viver em Curitiba e no mundo. Deparamo-nos então com uma comunidade em que convivem vampiros e cafajestes, prostitutas e boas senhoras de família, joões e marias – todos compostos de ruínas, cacos e fragmentos.

Literatura nada exemplar, portanto. Por trás da aparente simplicidade de Dalton, pulsa na verdade uma arte complexa e que esconde um sábio demiurgo no uso das palavras.

## IEB e BBM se juntam no centenário do autor

Entre 20 de maio e 10 de agosto a BBM sediará uma ampla exposição, reunindo manuscritos, livros, cartas e publicações pessoais de Dalton Trevisan. Esse material é desconhecido até o momento, pois nunca foi exposto em público.

No dia 11 de junho, IEB e BBM promoverão uma sessão de debates, reunindo as críticas Flora Sussekind, Eliane Robert Moraes e Fabiana Faversoni, que farão apresentações sobre o autor. As cartas trocadas entre Dalton e outros escritores também serão tema do evento.

**Fernando Paixão**

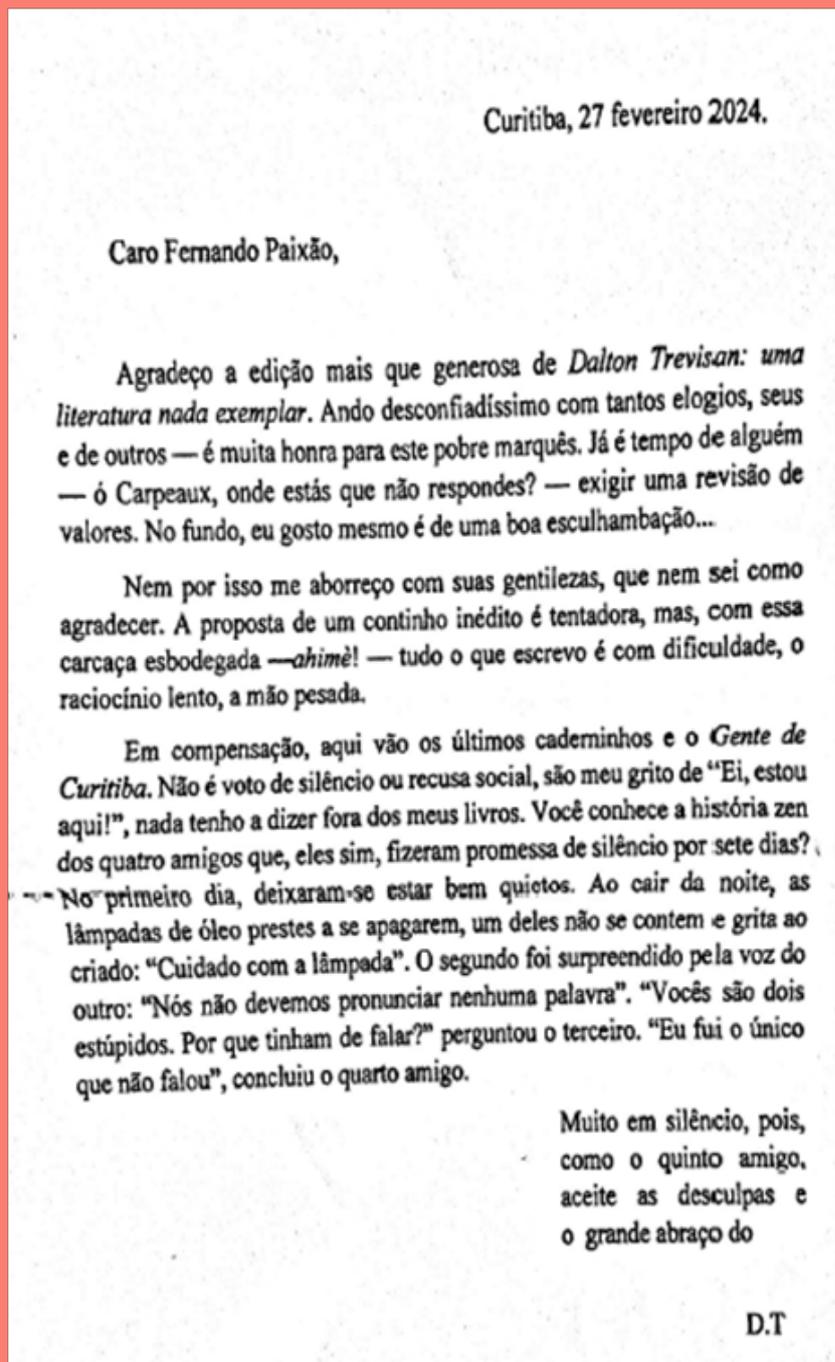
Professor – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0002-0980-4262>

**Hélio de Seixas Guimarães**

Professor – FFLCH/USP

<https://orcid.org/0000-0002-2054-2689>



## Carta inédita de Dalton Trevisan (com pequeno conto ao final)

Por ocasião do lançamento do e-book sobre a obra de Dalton Trevisan, o IEB e a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM/USP) organizaram em junho do ano passado um evento em que houve leitura e debates de textos do autor, com a participação de Alcides Villaça, Amara Moira, Andrea del Fuego, Reinaldo Moraes, Rodrigo Lacerda e Fabiana Faversoni e mediação de Ana Lima Ceclílio.

Dias antes do acontecimento, o prof. Fernando Paixão escreveu ao autor perguntando se ele poderia enviar alguma colaboração inédita. A resposta de agradecimento veio logo em seguida e termina com uma pequena história bem ao gosto de Dalton Trevisan. Vai aqui reproduzida em primeira mão.

# [RIEB]

## A teoria da dependência em debate

O Dossiê do n. 90 da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* nasceu dos debates travados durante um colóquio organizado em Paris, em novembro de 2022, por ocasião do bicentenário da independência brasileira, com o apoio do Centre de Recherche et de Documentation des Amériques (Creda) e do Centre de Recherches sur les Pays Lusophones (Crepal), ambos da universidade Sorbonne Nouvelle, e com a colaboração da Freie Universität Berlin e da Universidade de São Paulo. O evento reuniu vários pesquisadores ligados a instituições situadas na Alemanha, no Brasil, nos Estados Unidos, na França, na Índia, no Reino Unido e na Suíça. Sua proposta era questionar a ideia de independência nacional trazendo à tona aquela que é considerada uma das principais contribuições latino-americanas às ciências sociais ocidentais: a teoria da dependência. Tal noção reúne um conjunto de reflexões elaboradas no contexto brasileiro e latino-americano da segunda metade da década de 1960, num momento de crise do regime democrático e de esgotamento das esperanças infundidas pelo “mito do desenvolvimento” – nas palavras de Celso Furtado em “Le mythe du développement et le futur du Tiers Monde” (*Revue Tiers Monde*, v.

15, n. 57, 1974) –, bem como pelas descolonizações no Terceiro Mundo.

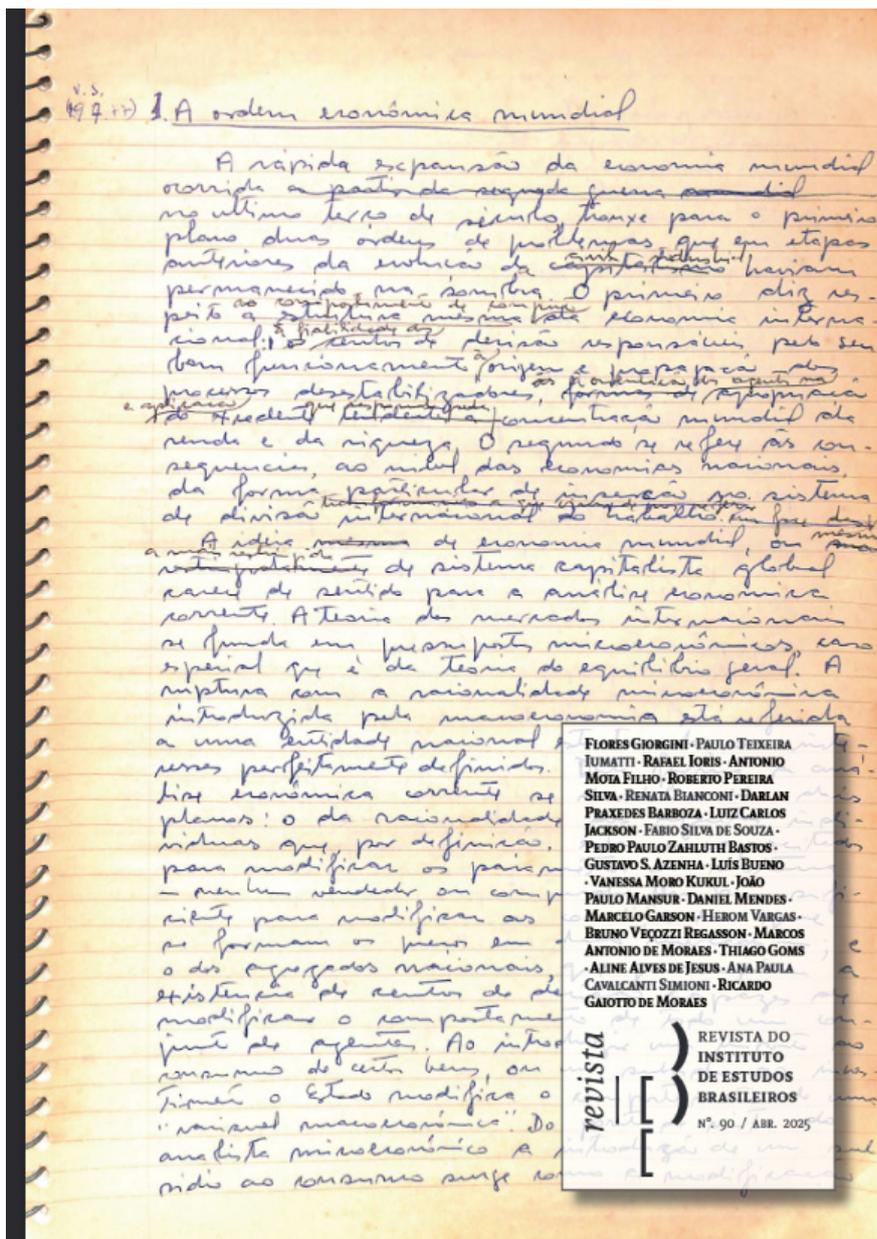
Segundo os dependentistas, as independências latino-americanas do começo do século XIX não teriam sido capazes de romper com as estruturas de poder que se constituíram durante o período colonial no plano econômico e social. Ao contrário, a situação de dependência própria às antigas colônias ibéricas na América teria continuado a influenciar de forma substancial as dinâmicas socioeco-

discurso político e intelectual na década de 1950.

As perspectivas sobre a dependência alcançaram um rápido sucesso internacional para além das fronteiras latino-americanas desde a primeira metade dos anos 1970. No entanto, a partir da década seguinte, o peso das noções desenvolvidas pelos dependentistas dentro dos debates em ciências sociais foi diminuindo de forma constante. O economista argentino Claudio Katz afirmou, em *Dependency theory after fifty years*

(Leiden: Brill, 2022, p. XII), que, 50 anos depois das primeiras reflexões sobre a dependência, e apesar da atualidade latino-americana estar mais afetada do que nunca pelos problemas da dependência, os instrumentos teóricos e conceituais elaborados pela “escola da dependência” perderam a importância que tiveram no passado. Conforme o mesmo autor, as razões desse declínio seriam primeiramente de ordem política e estariam relacionadas ao esgotamento do ciclo revolucionário cubano.

Diferente é o caso dos Estados Unidos, onde o interesse da comunidade acadêmica pela teoria da dependência não conheceu uma queda tão sensível como no caso latino-americano ou brasileiro da década de 1980. Packenham, em *The dependency movement: scholarship and politics in development studies* (Cambridge: Harvard University Press, 1992), evoca várias razões para explicar tal diferença. Ele aponta, por exemplo, entre outros motivos, para o fato de que as ideias elaboradas pelos dependentistas constituíram uma verdadeira novidade para a comunidade acadêmica



Estudiosos de instituições nacionais e estrangeiras apresentam considerações sobre a teoria da dependência no Dossiê da RIEB 90

nômicas latino-americanas até a segunda metade do século XX. Mesmo após um período de desenvolvimento eufórico das economias latino-americanas, os teóricos da dependência constataram os limites do projeto de emancipação nacional pelo desenvolvimento que tinha dominado o

norte-americana, ao passo que, no caso latino-americano, o público já estava familiarizado com os debates em torno das problemáticas ligadas ao subdesenvolvimento antes mesmo dos primeiros escritos sobre a dependência.

O caso estadunidense permite ilustrar a força das ideias dos dependentistas latino-americanos na transformação da maneira de pensar o desenvolvimento durante a segunda metade do século XX e sua capacidade de penetrar no coração mesmo do sistema capitalista mundial. Os autores latino-americanos da dependência questionaram a teoria da modernização produzida por autores dos EUA ao longo das décadas de 1950 e 1960. Assim, os dependentistas rejeitaram com força o dualismo entre sociedades tradicionais e modernas próprio à teoria da modernização e apontaram para o caráter histórico do subdesenvolvimento e suas profundas ligações com o passado colonial.

Na época contemporânea, outros intelectuais latino-americanos que forjaram suas ideias no contato direto com os depen-

dentistas passaram a ocupar papel central nos debates das ciências humanas. Podemos mencionar aqui o caso do sociólogo peruano Anibal Quijano, que – de acordo com o “Prólogo a la primera edición”, de Danilo Assis Clímaco, publicado em *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*, de Anibal Quijano (Buenos Aires: Clacso, 2020, p. 25) –, depois de ter participado das discussões sobre a dependência em Santiago do Chile na segunda metade dos anos 1960, elaborou a noção de “colonialidade do poder”. Já no começo dos anos 2020, uma nova geração de pesquisadores que se reivindicam herdeiros ou mesmo pertencentes à tradição dependentista, na visão de Felipe Antunes de Oliveira e Ingrid Harvold Kvangraven exposta no artigo “Back to Dakar: decolonizing international political economy through dependency theory”, publicado em *Review of International Political Economy* (v. 30, n. 5, 2023, p. 1685), tem se proposto a elaborar novos estudos capazes de integrar questões levantadas pelos autores decoloniais e pós-coloniais, conforme constata Kvangraven em

“Beyond the stereotype: restating the relevance of the dependency research programme”, publicado em *Development and Change* (v. 52, n. 1, 2021, p. 76-112).

É nesse contexto mais amplo que se insere o Dossiê do n. 90 da *RIEB* – que retoma, por assim dizer, um debate que tem sido desenvolvido de forma mais esporádica, porém constante, nas revistas acadêmicas brasileiras desde o dossiê publicado pela revista *Estudos Avançados* (v. 12, n. 33, p. 1, ago. 1998.) no final dos anos 1990. Ele está composto de sete artigos, que trazem um conjunto diversificado de reflexões sobre a história, os rumos e o legado crítico da teoria da dependência.

Estudiosos de instituições nacionais e estrangeiras apresentam considerações sobre a teoria da dependência no Dossiê da *RIEB* 90

**Flores Giorgini**

CREDA-UMR7227 – Université Sorbonne  
Nouvelle  
<https://orcid.org/0000-0003-4836-659X>

**Paulo Teixeira Iumatti**

(IEB – Universidade de São Paulo)  
<https://orcid.org/0000-0002-8038-6606>

# [notas]

## Acervo de Jonh Graz chega ao IEB

Composto de mais de 1.600 itens, o acervo do modernista John Graz contém guaches, desenhos, óleos sobre tela, projetos de arquitetura de interiores, desenhos de móveis, catálogos de exposições, fotos, negativos, recortes de jornal, materiais para desenho e pintura Pioneiro na arquitetura de interiores no Brasil, nascido na Suíça, chegou ao Brasil a tempo de participar da Semana de Arte de 1922. Suíço de nascimento, de acordo com Bianca Dettino, Graz chega a São Paulo em “um momento efervescente [...] com o movimento modernista de São Paulo, que é bastante pulsante”. É possível acompanhar parte do processo de transferência do acervo do Instituto John Graz para o IEB em: <https://www.instagram.com/usp.oficial/reel/DIBqIqOPKg2/>.

## Há quase 20 anos...

... o IEB disponibilizou para consulta online, em parceria com a Fapesp, o *Vocabulário português e latino*, do religioso inglês radicado em Portugal Raphael Bluteau, publicado em 1712. O primeiro dicionário da língua portuguesa, composto de mais de 40 mil verbetes, foi digitalizado por alunos e funcionários do Instituto, com apoio financeiro da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM). Os verbetes podem ser consultados tanto pela grafia antiga quanto pela atual. Além dessa edição, também estão disponíveis o *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorias* (1890), de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, e o *Diccionario da língua portugueza* (1789), composto pelo padre Bluteau e reformado/acrescentado por Antonio de Moraes Silva.

## Inezita Barroso na mesma morada de Mário de Andrade

Uma videoreportagem de Rodrigo Leitão, no programa *Metrópolis*, da TV Cultura (27/2/25), fala sobre o recém-chegado arquivo de Inezita Barroso ao IEB. De acordo com Luciana Suarez Galvão, vice-diretora do Instituto, a iniciativa traz ao acervo da instituição um “olhar feminino sobre a cultura”. Aloísio Milani, pesquisador e produtor musical, destacando que a artista “tem uma nova morada [...], ao lado do ídolo Mário de Andrade [...] e Guimarães Rosa”, mostra alguns itens da coleção e dos equipamentos utilizados para manutenção dos materiais. Trata-se de “material riquíssimo” cuja manutenção, segundo Alexandre Pavan, jornalista musical, vai estimular “novas gerações a produzirem conhecimento a partir do que já foi feito no passado”. Ambos os pesquisadores trabalharam como roteiristas em *Viola, minha viola*, programa apresentado por Inezita na TV Cultura.